



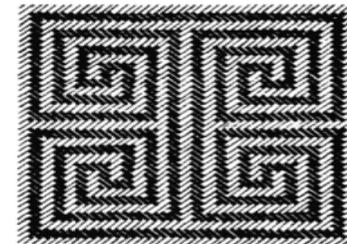
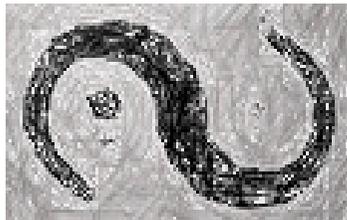
SEMINÁRIO INTERNACIONAL

# VIII A ARTE DA BIBLIOGRAFIA



## LivrOnça: um Devir-América bibliográfico

Vinícios Souza de Menezes (UFS)



# (Re)introdução: um devir-América



É preciso criar um lugar à parte para a América. Claro, ela não está isenta da dominação das árvores e de uma busca das raízes. [...] **Diferença entre o livro americano e o livro europeu, inclusive quando o americano se põe na pista das árvores. Diferenças na concepção do livro. ‘Folhas de relva’. E, no interior da América, não são sempre as mesmas direções: à leste se faz a busca arborescente e o retorno ao velho mundo. Mas o oeste rizomático, com seus índios sem ascendência, seu limite sempre fugidio, suas fronteiras movediças e deslocadas. Todo um ‘mapa’ americano, no oeste, onde até as árvores fazem rizoma. A América inverteu as direções: ela colocou seu oriente no oeste, como se a terra tivesse devindo redonda precisamente na América; seu oeste é a própria franja do leste. (Não é a Índia, como acreditava Haudricourt, o intermediário entre o Ocidente e o Oriente, é a América que faz Pivô e mecanismo de inversão.) A cantora americana Patti Smith canta a bíblia do dentista americano: não procure a raiz, siga o canal...**

Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Introdução: rizoma* (1995, p. 40-41)



# (Re)introdução: um devir-América



Antônio Cândido diz que um afamado examinador poderia perguntar-lhe: “Diga-me V. S. qual é a impositação hodierna da problemática ontológica?”, e, sem pestanejar, Oswald de Andrade respondeu: “V. Excia. está muito atrasado. Em nossa era de devoração universal o problema não é ontológico, é odontológico.” Em outras palavras, os problemas ameríndios não são substanciais, nem se referem ao imaginário ocidental de definição exclusiva do Ser. Tem ser quem possui ponto de vista, esta é a perspectiva da Terra Viva (Abya Yala).

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Oswald de Andrade – Manifesto antropófago (2011, p. 67)

VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social  
UFSCar / São Carlos - 09 e 10 dez. 2021



# (Re)introdução: um devir-América



Foto de Araquém Alcântara  
(TAYLOR; VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 770).



*Chilam Balam*, livro dos livros de formação dos maias iucateques

*Aos ameríndios, interessa ver e comer conforme as suas humanidades, para assim, na multiplicidade das relações e suas agências, ter no outro um acréscimo de vida. A antropofagia é a força (sustância) que nos une.*

Nesse mundo todo vivo torna-se pragmaticamente mais relevante a imanência odontológica do regime alimentar e suas semiofagias (deglutições dos sentidos e significações) do que a abstinência imaculada do ente transcendental.

*A escrita e o livro ameríndios encontram-se dimensionados pelo registro jaguar do sentido (chilam balam – sábio-jaguar, pintores-escritas mayas).*



# (Re)introdução: um devir-América



Tlahcuilo

(pintor-escriba ameríndio - Nahua)

Quetzalcóatl



\* Teomoshtli, el libro sagrado.

Os livros americanos invertem as direções do livro total europeu, ao abrirem outras percepções bibliográficas obstruídas pelas dizimações coloniais. A semiofagia ou o caminho do livro são canais liminares para pensar de modo descolonizado o conceito de livro e suas possíveis cartografias bibliográficas, resistentes nas brechas da máquina totalitária, genocida e epistemicida do Ocidente.

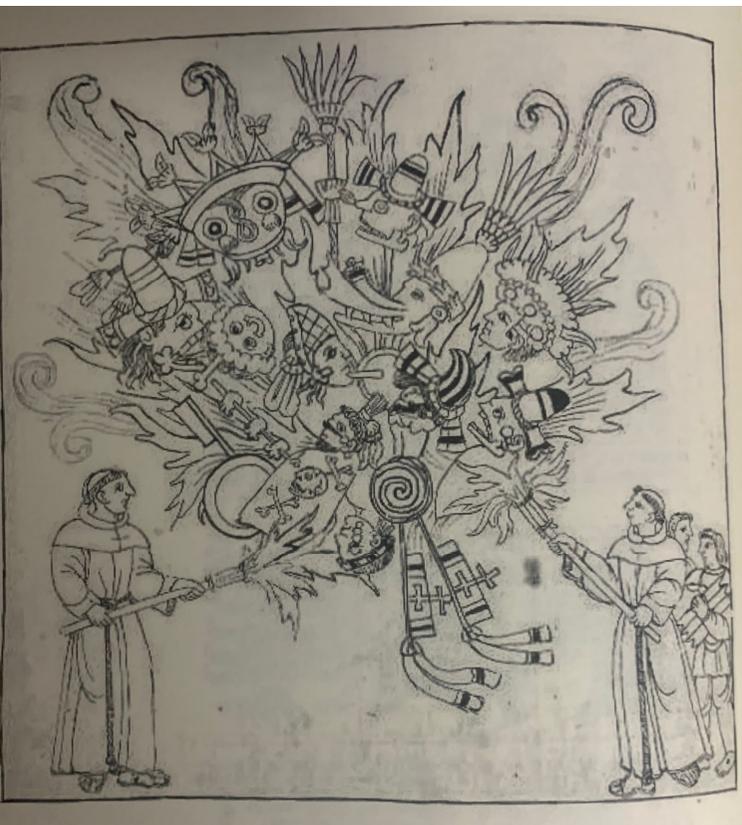
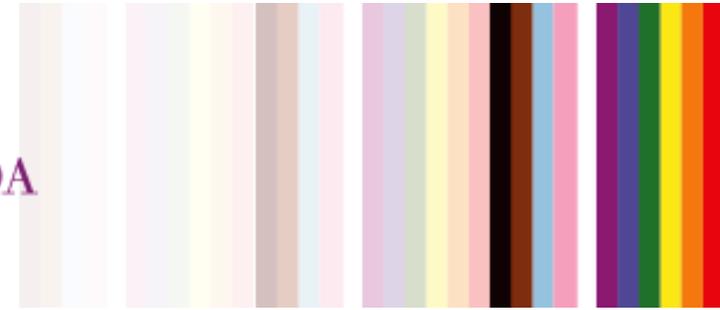
Perseguidos, queimados e recompostos pelos diversos agenciamentos indígenas coloniais e pós-coloniais, os livros ancestrais de Abya Yala deslocam-se das metafísicas coloniais do “livro-aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 25) e passam a operar alianças com o mundo através das suas metafísicas canibais (VIVEIROS DE CASTRO, 2018a).





SEMINÁRIO INTERNACIONAL

# VIII A ARTE DA BIBLIOGRAFIA



Queima de livros indígenas  
Crônica de Tlaxcala

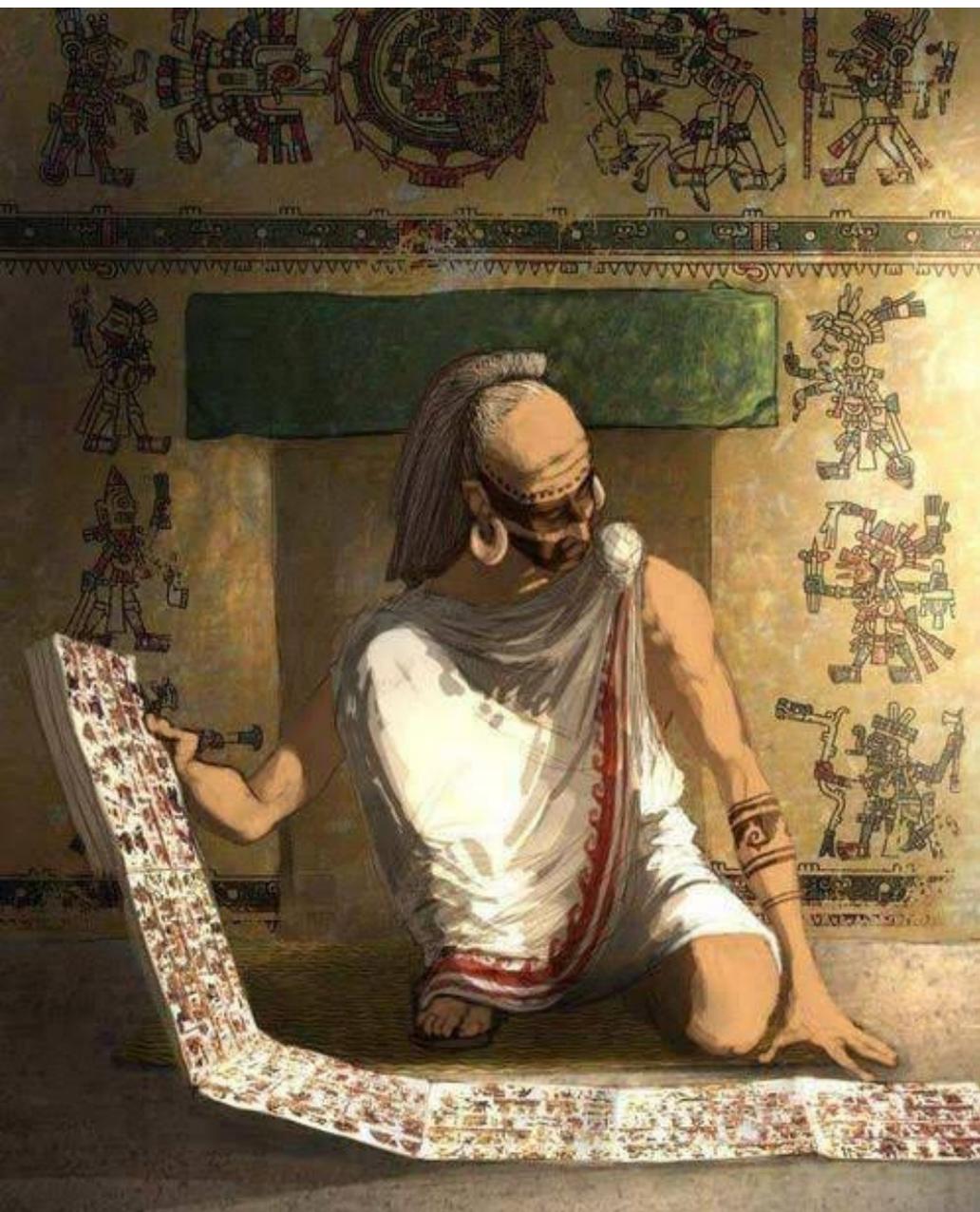
[...] lhes queimamos seus livros em abundância, há-nos sido agora dificultoso alcançar a verdade porque, se alguns livros ficaram, os têm escondidos e não ousam mostrá-los.

Escritores e letrados ou, como lhes diremos, que entendem bem isso [...] são muitos que - como lhes destruímos esses ornamentos do demônio e tudo o que é cerimoniático e suspeito queimamos, e cada dia lhes ameaçamos se não o descobrem - agora, que lhes pedimos livros, que para quê os queremos? E que lhes perguntamos com intenção de repreendê-los.

*Relación de Texcoco y varias relaciones antiguas* (1530, p. 256-257).

VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social  
UFSCar / São Carlos - 09 e 10 dez. 2021





*Códices mesoamericanos*

O objetivo desta pesquisa é reintroduzir os elementos do *livro Onça*, esquecidos nas camadas discursivas ocidentais do campo informacional. Hipoteticamente, pretende-se mostrar como a percepção americana do livro e da escrita pode alterar os pressupostos gramatológicos dos estudos bibliográficos. Por fim, sob as fronteiras movediças e as inversões do devir-América, recoloca-se a questão: o que é um livro?



# LivrOnça: uma *différonce* gramatológica da América

Talvez em meu rosto estivesse escrita a magia, talvez eu mesmo fosse a meta de minha busca. Estava nesse afã quando me lembrei de que o jaguar era um dos atributos do deus. Então minha alma se encheu de piedade. Imaginei a primeira manhã do tempo, imaginei meu deus confiando a mensagem à pele viva dos jaguares, que se amariam e gerariam infundavelmente, em cavernas, em canaviais, em ilhas, para que os últimos homens pudessem receber. Imaginei essa rede de tigres, esse candente labirinto de tigres, causando horror nas pradarias e nos rebanhos para conservar um desenho. [...] Dediquei longos anos a aprender a ordem e a configuração das manchas. Cada cega jornada me concedia um instante de luz, e assim consegui fixar na mente as negras formas que marcavam a pelagem amarela. Algumas incluíam pontos; outras formavam riscas transversais na face interior das pernas; outras, anulares, repetiam-se. Talvez fossem um mesmo som ou uma mesma palavra. Muitas tinham bordas vermelhas.

Jorge Luis Borges, *A escrita do deus* (2008, p. 106-107).



# LivrOnça: uma *différonce* gramatológica da América

Através de uma história ficcional, Borges relata um modo real e perspectivo da escritura ameríndia: as peles naturais e artificiais do corpo do mundo americano. Gordon Brotherston (2001) em *Meaning in a Bororo jaguar skin* apresenta um conjunto de significados da pele de onça do povo Bororo.

A onça-jaguar é a imagem por excelência da potência de ser à qual os humanos perseguem. Dotar-se de capacidades análogas à da onça é um objetivo almejado em inúmeras sociedades ameríndias e esta possibilidade se dá através da pele, uma fronteira imanente com os distintos mundos.

As peles de imagens das onças são o metonímico livro americano – o *livrOnça*.

~~Eu, um Yamomani, dou a vocês, os brancos,~~  
xanowami yane ipa  
utupayasiki hyptaí kahonapewamakí  
ha.

Eu, um Yamomani, dou a vocês, os brancos,  
esta pele de imagem que é minha.

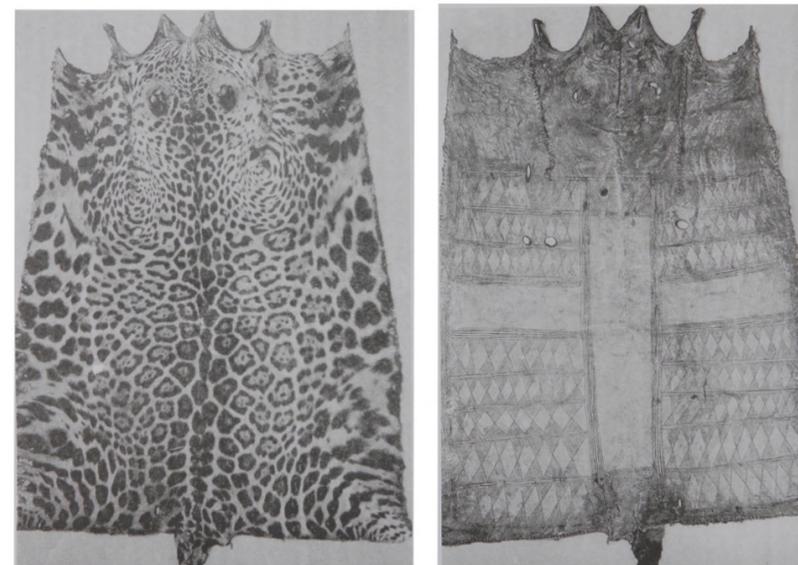


Fig. 1 – The Natterer jaguar skin (after Kam & Riedl Dorn 2001: 246-7). Thanks to Johannes Newath for his help in tracking down this source.

Adugo Biri (pele pintada de onça) dos Bororo: a superfície interna é intrinsecamente decorada com desenhos nativos em vermelho e preto.



# LivrOnça: uma *différonce* gramatológica da América



Códice Mendoza  
(Matrícula de tributos)

Antes da definição canônica do Ocidente, o livro enquanto pele estava presente na palavra grega *biblion*, a “pele” (*membranae*) ou a “película” (*diphthera*) informe que suporta e possibilita potencialmente toda e qualquer escrita, todo e qualquer possível formato de livro, sem a ele submeter-se, como argumentado na *différance* de Derrida (2004, p. 21).

Devorando Derrida a partir das escrituras indígenas americanas, Gordon Brotherston (1986) propõe uma *grammatology of America*, fora das circunscrições do fonologismo ocidental e dos seus pressupostos etnocêntricos e logocêntricos. Por outras vias indigenistas, Eduardo Viveiros de Castro (2018b) apresenta a *diferOnça* (*différonce*), grafada com O maiúsculo para semelhar a gOela aberta da onça.

Sob esta perspectiva falamos do LivrOnça, palavra-valise fruto de uma devoração entre a onça (fera) e o livro (fora), um intermezzo rizomático e gramatológico da *diferOnça* (*différonce*). Fruto de uma gramatologia americana e sua *diferOnça*, o LivrOnça é uma materialidade escritural dos sentidos ameríndios.

Estudar a multiplicidade dos livros ameríndios provoca um colapso na conceituação clássica do livro ocidental.



# Considerações finais



Finício é uma palavra-valise para a devoração do fim pelo início. O fim a que se dirige a semiofagia americana é o da teleologia logocêntrica, o fim do livro como a cessação da sua condição absoluta e acabada. O *livrOnça* é o fim do livro como fim da escritura linear e o começo da escritura ameríndia, sua origem, seu novo e seu antigo começo, uma possibilidade aberta uma vez mais pelos povos extramodernos da Terra Viva.



Humano-Jaguar (Olmeca)  
1200 a.C. – 400 a.C.



O *livrOnça* é um informe da selva culta. Sendo a *diferOnça* uma formulação ameríndia do tempo virtual, encaracola-se no presente a antiga pergunta: afinal, o que é um livro?

O sujeito-jaguar é o humano por excelência.  
(TAYLOR; VIVEIROS DE CASTRO, 2019)

MUSSA, Alberto. *Meu destino é ser onça: mito Tupinambá restaurado*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social  
UFSCar / São Carlos - 09 e 10 dez. 2021



# Considerações finais

Códice Borgia  
(pré-hispânico)



## Deslocamentos

**Ontofagia:** a devoração do ser pelo Outro – a relação absoluta (*a inconstância da alma selvagem*) – uma gramatologia da América.

**Antropofagia:** a devoração do *anthropos* – o homem em vista de si mesmo – pelo diferente informe (“*só me interessa o que não é meu*”).

**Semiofagia:** deglutição de todo sentido único, absoluto e oficial – “*não significar uma única coisa é não significar nada absolutamente*” – pela multiplicidade dos sentidos e suas autodeterminações.

**LivrOnça:** uma Bibliofagia.



# Contatos

*Na Terra dos livros vivos...*

O Doador da Vida é um *tlahcuilo* (pintor-escriba), um poeta que declara que tudo o que existe na Terra está pintado e inscrito em um *amoxtli* (livro) que se encontra nas mãos de quem também é *Tloque Nahuaque* (Dono da Cercania e da Proximidade). Em seu papel de criador, o *Tloque Nahuaque* é um *tlahcuilo*. O mundo está pintado e só existe em seu portentoso livro. Flores e cantos lhe dão vida. Mais tarde quando a vida se conclui, sua página se fecha no livro.

Miguel León-Portilla, *Códices: os antigos livros do novo mundo* (2012, p. 262).

Vinícios Souza de Menezes (UFS)

Email: [menezes.vinicios@gmail.com](mailto:menezes.vinicios@gmail.com)

Quetzalcóatl,  
o *tlahcuilo* (pintor-escriba)

VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social  
UFSCar / São Carlos - 09 e 10 dez. 2021



# Referências

- ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. *In: ANDRADE, Oswald. A utopia antropofágica*. Rio de Janeiro: Globo, 2011. p. 67-74.
- BORGES, Jorge Luis. A escrita do deus. *In: BORGES, Jorge Luis. O Aleph*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 104-110.
- BROTHERSTON, Gordon. Meaning in a Bororo jaguar skin. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 11, p. 243-260, 2001.
- BROTHERSTON, Gordon. Towards a grammatology of America. *In: HAWKES, Terence (Org.). Literature, Politics and Theory*. London: Methuen, 1986. p. 190-209.
- CÂNDIDO, Antônio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. *In: CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 57-87.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LEÓN-PORTILHA, Miguel. La riqueza semântica de los códices mesoamericanos. *Estudios de Cultura Náhuatl*, v. 43, p. 139-160, 2012.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- MACEDO, Silvia Lopes da Silva. Xamanizando a escrita: aspectos comunicativos da escrita ameríndia. *Mana*, v. 15, n. 2, p. 509-528, 2009.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os sistemas mesoamericanos de escritura. *In: SANTOS, Eduardo Natalino dos; MARTINS, Cristiane B.; FRANÇA, Leila Maria. (Orgs.). História e arqueologia da América indígena. Tempos pré-colombianos e coloniais*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2017. p. 73-96.
- TAYLOR, Anne Christine; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Um corpo feito de olhares (Amazônia). *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, p. 769-818, 2019.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018a.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rosa e Clarice: a fera e o fora. *Revista Letras*, v. 98, p. 9-30, 2018b.

